

## APOSTOLADO SOCIAL NA AMAZÔNIA

CLÁUDIO PERANI \*

É gritante a situação da maioria do povo que vive na Amazônia, sofrendo tanto – uns de miséria e fome, outros de opressão, de repressão e de discriminação (ética-cultural). O modelo neoliberal revelou sua incapacidade de melhorar a situação; ao contrário, consegue aumentar sempre mais o abismo entre uma elite rica e a maioria da população explorada. Aparece com sempre maior clareza a necessidade de lutar por uma sociedade nova, diferente da atual. O que exige um esforço eminentemente político, pessoal e atual.

A Igreja, além dos ministérios tradicionais, sempre trabalhou na educação social, inspirando-se no seu ensinamento social. Na conjuntura atual parece necessário investir mais numa educação política dos setores populares. Hoje, as forças dinâmicas da mudança são representadas pelos setores populares, ajudados por aqueles – intelectuais e políticos – que se colocam a seu serviço, sabendo reconhecer e valorizar a sabedoria e as iniciativas populares. Esses setores são considerados, em muitos documentos eclesiais, “sujeitos” e “atores” da história. A Igreja fez a “opção pelos pobres”, o que significa acompanhar e favorecer suas lutas e prestar sua colaboração para que se mude a estrutura da atual sociedade, sempre respeitando o objetivo próprio da Igreja. Parece chegada a hora para um investimento novo e mais criativo, que abra caminhos novos.

Colocar-se ao serviço dos setores populares para uma formação política significa “romper” com apostolados tradicionais: paróquias, sacramentos, catequese, exercícios espirituais, promoção social, formação e assessoria teológico-política... São atividades importantíssimas e que, evidentemente, devem continuar, pois estão dando frutos também na perspectiva de uma mudança da sociedade. Quando falamos de “romper” não significa abandonar tais atividades, mas introduzir novas formas que permitam maior abertura a todos os setores mais dinâmicos da sociedade e uma maior eficácia no serviço que a Igreja deve prestar para uma mudança das atuais estruturas sócio-políticas.

A nova educação exige mergulhar mais no contexto político atual, que tem sua cultura, seus valores, suas ideologias e organizações, como também seus próprios desafios e suas contradições. É um mundo que se alimenta de uma literatura específica, que não é teológica, mas econômica, sociológica, política, antropológica e cultural, que poderíamos chamar de “profana”.

Exige, também, abrir-se para os setores da sociedade mais dinâmicos e desejosos de uma mudança, como também para uma colaboração macro-ecumênica com todos aqueles que estão interessados em pensar e realizar uma sociedade nova.

Para preparar atores políticos em vista de uma mudança, devemos utilizar essas fontes seculares, procurando um enfoque ético, com a colaboração das

melhores forças da sociedade, e uma metodologia participativa que parta e leve a uma ação transformadora, da pessoa e da sociedade.

Em particular, aqui na Amazônia, além das questões fundamentais da política e do trabalho, é importante enfrentar os problemas da etnia, do gênero, do meio ambiente, do pluralismo cultural e religioso, da cidadania e da florestania, da biotecnologia e do patenteamento dos seres vivos, sabendo que hoje são componentes fundamentais da formação e prática política no mundo, não só na Amazônia.

A formação política pode ser informal, através das diferentes formas de educação popular e de assessorias pontuais. Mas há necessidade de um esforço maior, de uma educação formal, quer dizer, apoiada em estruturas mais amplas e estáveis. Podem ser cursos, escolas de vários níveis, com a condição que recebam gratuitamente alunos dos setores populares, crianças, jovens e adultos, engajados numa perspectiva de cidadania e de florestania e que não tenham condições de participar de outros cursos.

Pode-se objetar que já existem muitas escolas nessa direção (por exemplo, todos os cursos de “fé e política”). São cursos preciosos, que ajudam muitas lideranças pastorais a se abrirem para a perspectiva política. Devem continuar e ser incentivados. Mas, em tais cursos, além de estarem fechados a pessoas de outras crenças ou ideologias, habitualmente prevalece a explicação teológica, ficando sem muito aprofundamento o nível propriamente político.

Outra dificuldade que aparece quando se insiste no nível político é a reivindicação da fé. Por que ter vergonha de apresentar Jesus Cristo? Como é possível uma verdadeira política sem uma abertura para o transcendente, para o nível da fé? Não estamos com isso esvaziando a fé?

Não se trata disso. Trata-se de compreender melhor a evangelização de Jesus, seguindo a metodologia dele. Ele, totalmente identificado com o Pai, deu prioridade às obras, estendendo a mão solidária aos pobres, sarando os doentes, freqüentando pecadores e publicanos, expulsando o mal, abrindo-se às multidões, enfrentando o poder das autoridades religiosas e políticas da época. A fé era uma resposta livre de cada um, segundo o tipo de terreno que representava, e Jesus se preocupava em dar uma explicação mais em privado, para grupos restritos. O Evangelho de Lucas não apresenta a revelação da identidade de Jesus como um acontecimento público. É em privado, no contexto de uma oração pessoal, que Jesus ouve a voz que o declara “Filho bem amado”.

Também o texto de Marcos (7,24-30), sobre a mulher sirofenícia, ajuda a abrir nossa ação e formação política junto aos “outros de fora”, “diferentes” (*outsider*). Os que estão “fora” mudam e convertem ao próprio Jesus. Daí a importância de sair de nossos currais estreitos e entrar em diálogo com os que estão “fora”, “no mundo”, “os diferentes”. Eles são condição de possibilidade de ampliar nossos horizontes e somar com eles politicamente, na construção de outros “mundos possíveis”, onde os excluídos, pobres, pequenos e diferentes tenham voz e vez.

O texto de Marcos mostra Jesus fora da sua terra, encontrado e transformado por aquela mulher sirofenícia, de outra nacionalidade, cultura e religião. A causa da cura da filha é a palavra da mulher, seu *logos*. Esta é a chave de leitura do texto. Não há menção à fé da mulher, o que coincide com outros milagres em Marcos (homem com demônio, homem da mão paralisada, leproso etc.). Não há menção de gestos ou palavras de Jesus para fazer este milagre. É a palavra da mulher que transforma Jesus e faz acontecer o milagre. Jesus, de fechado e hostil, em terra estrangeira, passa a ampliar seus horizontes, a sair e a percorrer aquela terra desconhecida. É importante notar que, no texto de Marcos, a mulher não é assimilada ao grupo dos crentes, ela continua sendo sirofenícia, com sua tradição cultural e religiosa. Jesus a respeita!

Os “outros” nos convertem e transformam, ampliam a “nossa missão” (restrita), que passa a ser “nossa missão com eles”, sem prejuízos, sem querer assimilá-los, saindo junto com os diferentes para, no encontro, nos transformar. Não devemos ter medo de atravessar para a outra margem, de “romper” com o tradicional.

Concluindo, a Igreja, bem ciente de sua identidade como continuadora da obra de Jesus Cristo, Filho de Deus, abre espaços de educação política oferecidos a todos os interessados numa mudança da sociedade, sem discriminar do ponto de vista religioso ou partidário. O conteúdo desta formação deve ter como base o que de melhor foi elaborado pela cultura política da nossa sociedade, aproveitando a experiência ética do ensinamento social da Igreja, como também das outras entidades e religiões, numa perspectiva mais plural, intercultural, inter-religiosa, intersapiencial. Esses novos espaços da atividade eclesial exigem uma ruptura, “sair fora”, em nível de participação, metodologia e conteúdo, das atividades tradicionais. Essas devem continuar para aprofundar com os interessados o nível da fé; sempre, porém, uma fé aberta ao diálogo sincero com o diferente, que nos pode iluminar e abrir novas perspectivas.

---

\* *Cláudio Perani é padre jesuíta e diretor do Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES), de Manaus (AM). Do mesmo Autor, ver “Movimentos Sociais hoje no Brasil: breves reflexões” (Cadernos do CEAS, 212: 17-27. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, jul.-ago., 2004). [clapesj@jesuits.net]*